

Por um PSOL Suburbano e Favelado:
Uma contribuição da militância ao VII Congresso do PSOL Carioca - 2021

Somos militantes de favelas e subúrbios do Rio e escrevemos essa contribuição ao IV Congresso do PSOL Carioca. O primeiro congresso do PSOL foi realizado na Maré, em 2006, na Praça do Parque União. Apesar da expansão de núcleos e setoriais, nossa realidade atual é de um partido visto por parte da classe trabalhadora como um partido de elite, que tem sua vida política em volta da praça São Salvador. Nos últimos anos, núcleos se esvaziaram ou se extinguíram em consequência da falta de apoio do partido à sua base. Nós construímos esse partido e por isso estamos aqui: para reivindicar um PSOL Carioca suburbano e favelado.

Realizamos nosso congresso em plena pandemia, com mais de meio milhão de vidas perdidas sob a política de genocídio de Bolsonaro e Cláudio Castro. Particularmente na cidade do Rio, Eduardo Paes retorna à Prefeitura um projeto de privatização do espaço público, de choque de ordem contra os camelôs e de remoções. A privatização da CEDAE e da Eletrobrás ajudam a completar esse quadro catastrófico.

A crise econômica que acomete a cidade abriu espaço para as milícias, em especial na Zona Oeste. As medidas ultraliberais dos governos reduziram os investimentos em direitos essenciais, permitindo que as milícias ampliassem sua presença na cidade. Hoje, mais da metade do território do Rio é comandada por facções ou milícias. O PSOL é um partido que sempre combateu as milícias e é necessário intensificar essa luta. Essa realidade também afeta diferentemente a cidade, já que o poder paralelo das milícias está concentrado nos territórios periféricos. É difícil garantir a segurança da nossa militância nesses lugares; a circulação de pessoas e a realização de eventos podem representar riscos. Derrotar as facções e milícias que controlam o Rio é um programa de esquerda, combativo e popular, cujo objetivo é a liberdade política desses territórios.

Dentro do nosso programa, precisamos entender como o direito à cidade é distribuído de forma desigual e como o caos social da pandemia atinge certos grupos da sociedade de modo mais intenso. A desigualdade tem por efeito a insegurança pública que atravessa os subúrbios e as favelas, que transformou mesmo a cultura e as relações; a ameaça não é só à vida, mas ao bem estar, saúde e autoestima das populações afetadas. Mas, o problema da insegurança é sentido de maneira desigual dentro desses territórios. A vivência em lugares controlados por facções ou por milícias, ou, ainda, em disputa, são completamente diferentes entre si. O povo morador de favelas e em particular o povo preto vivem as maiores dificuldades e são as maiores vítimas de confrontos do poder paralelo e da violência do Estado. A defesa da vida passa por defender aqueles que vêm tendo suas vidas

ceifadas através da história. O assassinato de Marielle Franco, João Pedro, a Chacina do Jacarezinho e Katheelen Romeu são alguns exemplos de uma política de genocídio. De certo, no Rio, as reações dos movimentos de negras e negros levaram às ruas diversas organizações a lutarem contra o governo genocida que culminaram no 13M denunciando a falsa abolição. A democracia só será plena com o fim do racismo.

A desigualdade no acesso ao saneamento básico também continua a ser uma questão, afetando em particular as mulheres. São elas as responsáveis pelo provimento da água, nas ausências do serviço de abastecimento. Além disso, as mulheres são responsáveis pelo cuidado dos doentes, muitos dos quais adoecem por causa da falta de saneamento e têm acesso apenas a atendimento precário em postos de saúde.

A mobilidade dos suburbanos e favelados é uma tortura cotidiana. Isso se agravou na pandemia, quando linhas de ônibus simplesmente desapareceram, sobrecarregando o transporte público e ajudando na proliferação do vírus, o que atingiu em especial os trabalhadores mais pobres. Há quase completa ausência de ciclovias. O problema da mobilidade é agravado pelo fato de que metade dos empregos da Região Metropolitana do Rio de Janeiro estão concentrados no centro da cidade do Rio de Janeiro, Zona Sul, Grande Tijuca e Baixada de Jacarepaguá. Além de tudo, o estado lastimável de calçadas e passeios públicos dificulta a vida de pessoas com deficiência e idosos. Podemos observar a construção de uma cidade de exclusão, na qual raça, classe, gênero e território são determinantes.

Essa mesma gestão do poder público se mostrou ausente ou insuficiente no combate à pandemia e à fome nas favelas e subúrbios. A empatia foi ferramenta de resistência dos próprios moradores, na lógica do nós por nós. Observamos as mais diversas iniciativas de solidariedade, muitas vezes apoiadas e estimuladas pela militância do PSOL, apoiando entidades religiosas, associações de bairros, movimentos locais, e até com outros partidos na formação de frentes. É preciso que o PSOL se estruture e organize a base nestes territórios, fortalecendo movimentos já existentes e construindo novas iniciativas.

Nos últimos 10 anos, nosso partido impulsionou construções programáticas importantes, como a Primavera Carioca em 2012, o Se a Cidade Fosse Nossa em 2016 e o Rio de Gente em 2020. Envolvemos milhares de pessoas, construímos um programa ao lado de movimentos sociais. Debates em nossos programas a violência policial e a importância da renda básica universal. Em todos os processos, foi fundamental a presença da militância mais precarizada porque é em nós que a realidade se manifesta da forma mais severa. É nos corpos do povo preto, das mulheres, das pessoas LGBTQs, suburbanas, faveladas, indígenas e pobres.

Em tempos pandêmicos e com muitas limitações por conta das condições sanitárias, ampliamos em 2020 a bancada eleita, garantindo a eleição de pessoas periféricas na cidade - Willian Siri, Mônica Benício e Thaís Ferreira - sendo esta última uma das duas mulheres negras eleitas à Câmara de vereadores. Seguimos firmes na oposição ao pacote de maldades de Eduardo Paes.

Avaliamos que no último período o PSOL teve mais acertos do que erros. A entrada de movimentos sociais no partido oxigenou nossa luta. Somos maiores do que éramos no último congresso e seguimos intransigentes na defesa do socialismo, dos direitos humanos e da dignidade para todas as pessoas. Precisamos que nosso PSOL siga pujante, conectado às comunidades e com a base participando ativamente da formulação das políticas do partido.

Com a presente contribuição, gostaríamos de convidar o partido a rever suas prioridades. Nos territórios de favelas e subúrbios as violações de direitos são permanentes, contínuas e cotidianas. Mas esses territórios também são pulsantes, locais onde a cultura e a vida resiste apesar de tudo e todos. Nosso partido, enquanto principal ferramenta de organização da esquerda socialista na cidade do Rio, deve priorizar a luta desses territórios, em parceria com seus movimentos sociais e entidades religiosas progressistas. Essa luta deve ser protagonista tanto no parlamento quanto, mais do que nunca, na estrutura interna do partido, da base à direção.

Para dar consequência ao tanto que já construímos, convocamos o PSOL Carioca à ousadia. A ousadia de fortalecer ainda mais seus núcleos, de sair do congresso com a tarefa de acompanhar e fortalecer cada espaço de base do nosso partido. Defendemos que os núcleos sejam espaços dinâmicos, pulsantes e organizativos, que promovam debates, formações e ações, articulando as diferentes tendências internas do partido e também a militância independente.

Somos o partido de Marielle Franco. Queremos ser mais, mais favela, mais subúrbio. Isso é tarefa de todo o partido. Em todas as esferas do PSOL, devemos ter mais militantes de favelas e subúrbios do Rio.

Por um partido presente nas favelas e subúrbios e integrado com as bases:

- Defendemos o fortalecimento da Internúcleos/Intersetoriais como espaço de troca entre os organismos de base do PSOL;
- A necessidade de comprometimento do diretório municipal na construção e apoio aos núcleos territoriais, com especial atenção às favelas e subúrbios, e quando necessário na reconstrução de núcleos;

- A formulação de um protocolo de segurança para militância dentro de favelas e subúrbios;
- Fortalecimento do Setorial de Favelas do PSOL com acompanhamento permanente da direção do partido e estrutura para funcionamento regular, bem como expansão dos trabalhos em diferentes favelas do Rio;
- Reafirmamos a necessidade de participação da base nos organismos de direção do partido. É importante que os fóruns de direção reflitam as mais diversas opiniões e não só a das correntes internas. É preciso que os núcleos territoriais de base também tenham voz;
- Reconstrução de uma identidade popular para o PSOL, na qual o povo possa se ver representado, melhorando as estratégias de comunicação e demonstrando a importância do partido na defesa dos interesses da classe trabalhadora;
- A construção de relações com entidades religiosas progressistas que cumprem papel importante na articulação do território;
- A construção de frentes suprapartidárias e com outros movimentos sociais permanentes com a esquerda;
- A disputa territorial na administração de arenas e lonas culturais, além de outros cargos, como os conselhos tutelares;
- Uma política de formação contínua do PSOL para a militância, privilegiando a periferia com a retomada do GT de Formação do PSOL Carioca. Precisamos priorizar temas como a política institucional e políticas públicas, incorporando debates acadêmicos e de movimentos sociais. O partido precisa formar quadros para fazer frente a projetos de captura da base como o RenovaBR;
- A construção de uma sede do PSOL Carioca na periferia, na Zona Norte ou na Zona Oeste;
- Defendemos a melhoria da comunicação entre a base territorial do partido e o diretório através da constituição de uma reunião periódica com todos os núcleos territoriais, a Internúcleos/Intersectoriais e todos os Setoriais.

POR UM PSOL SUBURBANO E FAVELADO!

Assinam a Contribuição:

1. Dani Monteiro - Deputada Estadual
2. Alex campanhao
3. Alexsandro Moizinho
4. Amanda Alves dos Santos Lima
5. Ana Paula da Cunha Telles
6. Arildo Nerys da Silva Junior
7. Caíque Azael
8. Camila Pizzolotto Alves das Chagas
9. Camila Valente de Souza

10. Carlos Eduardo Mendes de Souza e Mello
11. Carmen dos Santos Camerino
12. Caroline Souza de Castro
13. Carolinne Thays Scopel
14. Damiao José Chagas da Silva
15. Daniel da Silva Galvão
16. Eduardo Tacto
17. Elizabeth Dias da Silva
18. Elton Rodrigues
19. EMMILY CAROLINE LEANDRO
20. Erich Germano Quintino Martins
21. Felipe Sanches Santos Barbosa
22. Filipe Umbelino Bulhões
23. Flávio da cunha felix
24. Gabrielle Tropiano da Silva Mattos
25. Gustavo Maurilo Costa
26. Gustavo Souto de Noronha
27. Heitor Ney Mathias da Silva
28. IGOR FARIAS EMERICH
29. Isabel Silva Prado Lessa
30. Jaqueline maximo moreira
31. José Luiz Martins Carvalho
32. Laysa Santolin de Oliveira
33. Leonardo Novaes Mesquita Damasceno
34. Leonardo sobrinho de Sá Maciel
35. Lorryne Cardoso Madureira
36. Luan Ribeiro de Araujo
37. Luisa Paula Galdino Silva da Costa
38. Luiz Gustavo Guimarães Aguiar Alves
39. Marcello manoel Cerqueira Francisco
40. MARCELO HENRIQUE BEZERRA RAMOS
41. Maria Carolina Moreira de Lima
42. MARIA CRISTINA DA SILVA GALVAO
43. Maria de Fatima Lima
44. Mariana Marques Ramos
45. Marx Silva Mascarenhas
46. Matheus Favrat
47. Matheus Rodrigues Paes Cavalcante
48. Milane de Souza Leite
49. Natália Pires Santos
50. Nelson Coelho Costa
51. Patricia Castello Maciel
52. Rafael Gomes
53. Rafael Pollo Flores de Sá
54. Rafaela Almeida de Carvalho

55. Roberto Castro de Lucena
56. Roberto Ferreira Costa Ribeiro
57. Rodrigo Cunha Bertamé Ribeiro
58. Rodrigo Luís Veloso de Carvalho
59. Samantha Su
60. Stella De Sousa Martins
61. Sthefani Coutinho Assis dos Santos
62. Taione Neto Oliveira
63. Tatiane Arcanjo de Andrade
64. Thaianne de Souza Santos
65. Thais de Souza Ferreira
66. Thaise Albino da Silva
67. Thamires Lima Freitas Diehl
68. thássio gonçalves ferreira
69. Thiago Barros Bazhuni
70. Vinicius Elias Rodrigues dos Santos
71. Vinicius Gentil